UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CARLOS HENRIQUE ARAÚJO DA SILVA

NO "TERREIRO MÁGICO" DO CAMBINDA BRASILEIRA: a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu.

JOÃO PESSOA
2024

CARLOS HENRIQUE ARAÚJO DA SILVA

NO “TERREIRO MÁGICO” DO CAMBINDA BRASILEIRA: a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências das Religiões, orientado pela Profª. Drª. Dilaine Soares Sampaio.

Orientador(a): Profa. Dra. Dilaine Soares Sampaio

JOÃO PESSOA

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Carlos Henrique Araujo da.
No "Terreiro Mágico" do Cambinda brasileira: a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu / Carlos Henrique Araujo da Silva. - João Pessoa, 2024.
48 f. : il.

Orientação: Dilaine Soares Sampaio.
Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Catimbó-Jurema. 2. Maracatu rural. 3. Cambinda brasileira. 4. Ciências empíricas da religião. I. Sampaio, Dilaine Soares. II. Título.

UFPB/CE CDU 2(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

CARLOS HENRIQUE ARAÚJO DA SILVA

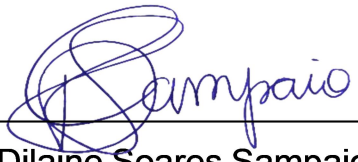
NO "TERREIRO MÁGICO" DO CAMBINDA BRASILEIRA:

a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências das Religiões, orientado pela Profª. Drª. Dilaine Soares Sampaio.

João Pessoa, 15 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA



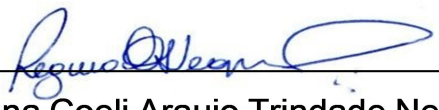
Profª.Dra. Dilaine Soares Sampaio (UFPB)

Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br MAIRA DE OLIVEIRA DIAS
Data: 24/05/2024 18:01:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª.Dra. Maíra de Oliveira Dias (UFPB)

Examinadora Externa



Profª.Dra. Regina Coeli Araujo Trindade Negreiros (IFPB)

Examinadora Externa

Este trabalho é inteiramente dedicado aosmeus filhos Cauã e Arthur.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a todas as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta para a conclusão deste trabalho tão significativo em minha jornada acadêmica.

Primeiramente, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão à minha orientadora Dilaine Sampaio, cuja orientação, apoio e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, meus pais Luiz Carlos da Silva e Ana Paula de Araújo, e minha esposa Michelly, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo amor, apoio e paciência ao longo desta jornada.

Aos meus queridos avós, Sebastião Alexandre de Araújo e Maria das Neves de Araújo (Dona Zeza), pelo incentivo constante e pelo amor incondicional, especialmente às noites em que me esperaram até a madrugada durante esses cinco anos de estudo.

Aos meus irmãos Victtor e Pollyana, pelo apoio e compreensão em todos os momentos.

À minha prima Gleizielle Coutinho, minha revisora e pessoa fundamental nesta pesquisa, cujas contribuições foram de valor inestimável.

Aos meus amigos que a Ciências das Religiões me presenteou, Ellen Santos, Lais Lemos e Victor Fernandes, minha gratidão por todo apoio e amizade ao longo dessa jornada.

À banca avaliadora deste trabalho, por dedicarem seu tempo e expertise na avaliação e contribuição para a qualidade desta pesquisa.

E por fim, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Maracatu de Baque Solto Cambinda Brasileira, na pessoa de Josivaldo (Fifia), Mestre Anderson Miguel, Dona Sebastiana e todos os integrantes deste grande brinquedo, por inspirarem e enriquecerem minha jornada acadêmica com sua cultura e tradição.

A todos, meu sincero e profundo agradecimento. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e contribuição de cada um de vocês. Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho investiga a manifestação do Catimbó-Jurema no contexto do Maracatu Rural, tendo como objeto de análise o Maracatu Rural Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata. O estudo busca compreender a importância do Catimbó-Jurema para o Maracatu Rural, as formas de preservação dessas práticas pelo Cambinda Brasileira e os desafios enfrentados para sua continuidade. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, no âmbito das Ciências Empíricas da Religião, baseada em observação participante durante os Carnavais de 2020 e 2024, incluindo ensaios, sambadas e apresentações do Maracatu. A análise dos dados revela a profundidade das tradições ancestrais do Catimbó-Jurema e sua relevância para a identidade cultural afro- indígena. Observa-se também a importância dos rituais de proteção e benção, assim como o meticuloso cuidado com a preservação das tradições. Os resultados destacam o Maracatu Rural Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata como um guardião vivo das tradições do Catimbó-Jurema, assegurando sua continuidade e relevância no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Catimbó-Jurema. Maracatu Rural. Cambinda Brasileira. Ciências Empíricas da Religião.

ABSTRACT

This study investigates the manifestation of Catimbó-Jurema in the context of Rural Maracatu, focusing on the Maracatu Rural Brasilian Cambinda of Nazaré da Mata. The research aims to understand the importance of Catimbó-Jurema for Rural Maracatu, the ways in which these practices are preserved by Cambinda Brasileira, and the challenges faced for their continuity. The study adopts a qualitative approach, within the scope of empirical religion studies based on participant observation during the Carnivals of 2020 and 2024, including rehearsals, sambadas, and Maracatu performances. Data analysis reveals the depth of the ancestral traditions of Catimbó- Jurema and their relevance to Afro-Indigenous cultural identity. The importance of protection and blessing rituals, as well as the meticulous care for the preservation of traditions, is also observed. The results highlight the Maracatu Rural Cambinda Brasileira of Nazaré da Mata as a living guardian of Catimbó-Jurema traditions, ensuring their continuity and relevance in the contemporary context.

Keywords: Catimbó-Jurema. Rural Maracatu. Brasilian Cambinda. Empirical Religion Studies.

LISTA DE ILUSTAÇÕES

Imagem 1 Mapa de Pernambuco.

Imagem 2 Mapa da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco.

Imagem 3 Parque dos lanceiros - Nazaré da Mata – PE.

Imagem 4 Personagens do Maracatu de Baque Solto.

Imagem 5 Disposição espacial do Maracatu Rural.

Imagem 6 Sede de apoio do Cambinda Brasileira. Foto do autor 2020.

Imagem 7 Apresentação dos caboclos de lança. Foto do autor 2020.

Imagem 8 Apresentação do Cambinda Brasileira na Passarela, Recife. Foto 2024.

Imagem 9 Festejo de pascoa. Engenho Cumbe 2024.

Imagem 10 Dama do paço veste preto em homenagem a Dona Biu.

Imagem 11 Dona Biu, ao centro. Foto: Heudes Regis.

Imagem 12 Caboclo de lança em apresentação durante o carnaval de 2024. Foto do autor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
1 MARACATU: CONCEITO E ORIGENS 14
1.1 MARACATUS DE BAQUE SOLTO 17
1.2 O ESPETÁCULO E SEUS PERSONAGENS 27
2 CAMBINDA BRASILEIRA 106 ANOS DE TRADIÇÃO 32
2.1 HISTÓRIA DO MARACATU CAMBINDA BRASILEIRA 32
2.2 O LEGADO DE DONA BIU. 36
3. A RELAÇÃO DO MARACATU COM O CATIMBÓ-JUREMA 38
3.1 INTRODUÇÃO AO CATIMBÓ-JUREMA 39
3.2 PROTEÇÃO E BENÇÃO NAS PRÁTICAS DO MARACATU 41
CONSIDERAÇÕES FINAIS 46
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA 48

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica de um estudante muitas vezes reflete não apenas sua busca pelo conhecimento, mas também as suas experiências e desafios ao longo do caminho. Minha jornada acadêmica iniciada ao final de 2018, quando comecei meus estudos na Universidade Federal da Paraíba, mesmo residindo em Timbaúba, município do estado de Pernambuco.

A decisão de cursar a universidade na Paraíba, apesar da distância, foi motivada pela busca por uma formação acadêmica sólida e por oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Desde então, de segunda a sexta-feira, embarco em uma jornada que ultrapassa os limites geográficos e me leva a explorar novos horizontes educacionais.

Matriculado no curso de Ciências das Religiões[1], mergulho em um universo de questionamentos e descobertas, alimentado pelo desejo de compreender as nuances e complexidades das práticas religiosas que moldam a identidade do povo brasileiro. Foi através da disciplina de Estudos Etnográficos, ministrada pela profa. Dilaine Sampaio, no ano de 2020, que encontrei a inspiração para escolher o tema de pesquisa: o maracatu rural e sua relação intrínseca com a religiosidade afro-brasileira.

As manifestações culturais afro-brasileiras, como o maracatu, não são meramente entretenimento; são expressões profundamente enraizadas na espiritualidade e na resistência histórica do povo negro. Essa compreensão do maracatu como uma manifestação cultural com raízes religiosas profundas e implicações sociais significativas servirá como ponto de partida para nossa investigação sobre o papel do maracatu rural no contexto da Ciências da Religião.

Dessa forma, minha decisão de escolher o maracatu rural como tema de pesquisa é profundamente influenciada pelas minhas próprias experiências e raízes. Desde a minha infância, fui cativado pela vivacidade e pela riqueza cultural dos caboclos de lança. Essa fascinação sempre foi uma chama ardente dentro de mim. Crescendo imerso na cultura popular, sinto uma forte ligação com essa expressão

[1] Faço a opção pela nomenclatura oficial da área na CAPES, denominada Ciências da Religião e Teologia. Dadas as especificidades que a disciplina Ciência da Religião, originada na Alemanha em fins do século XIX com Max Müller, autor pioneiro, assumiu no Brasil, há uma pluralidade na forma como os Programas de Pós Graduação e os cursos de Graduação se nomeiam, com o uso ou não dos duplos “s”.

única da nossa identidade local, e vejo como uma oportunidade de compartilhar e valorizar as tradições que moldam o estado de Pernambuco. Ao explorar o maracatu rural, busco não apenas entender mais sobre essa manifestação cultural, mas também contribuir para sua preservação e promoção, alimentando assim o nosso entendimento coletivo das raízes culturais que nos unem.

Além disso, a escolha do maracatu rural como foco da minha pesquisa também é motivada pelo desejo de dar visibilidade aos grupos de maracatus que mantêm viva essa tradição. Reconheço o papel crucial que essas práticas culturais desempenham na coesão social e no fortalecimento da identidade local. Ao estudar e documentar o maracatu rural, espero não apenas ampliar o entendimento acadêmico sobre essa forma de expressão, mas também contribuir para o reconhecimento e valorização das comunidades que a mantêm pulsante e relevante em nosso contexto contemporâneo.

O presente estudo investiga de que forma o Catimbó-Jurema se manifesta no contexto do Maracatu Rural, tendo como objeto de análise o Maracatu Rural Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata. Este tema suscita indagações cruciais que permeiam a compreensão da relação entre tradição e contemporaneidade, bem como o papel do Maracatu Rural na manutenção das práticas culturais afro-indígenas. Diante disso, as seguintes questões orientam a investigação: (1) Qual é a importância do Catimbó-Jurema para o Maracatu Rural? (2) Como o Cambinda Brasileira mantém e transmite essas práticas em seu contexto? (3) Quais são os desafios e perspectivas para a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu Rural? O objetivo geral deste estudo é analisar como Catimbó-Jurema se manifesta no Maracatu Rural, com foco no Maracatu Cambinda Brasileira, enquanto os objetivos específicos incluem: (a) estudar a história do maracatu rural; (b) compreender as particularidades da trajetória do Maracatu Cambinda Brasileira; (c) mapear as práticas do Catimbó-Jurema presentes no Maracatu Rural identificando os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para manutenção do Catimbó-Jurema no Maracatu Cambinda Brasileira.

Considerando os procedimentos metologicos utilizados, a análise do dados da pesquisa se deu através da investigação em campo, coletando as falas dos participantes e em seguida fazendo o cruzamernto das informações com a pesquisa

bibliografica sobre o tema, priorizando a vivencia dos participantes como ponto central da pesquisa.

Ao explorar as nuances das tradições religiosas e da cultura popular da Zona da Mata Pernambucana, deparamo-nos com duas expressões de grande importância: o Catimbó-Jurema e o Maracatu Rural. O Catimbó-Jurema, enquanto tradição religiosa afro-brasileira pioneira nos estados da Paraíba e Pernambuco, não só testemunham o passado, mas também orientam o presente e o futuro das comunidades que as celebram. Neste cenário, o Maracatu Rural não se limita apenas a uma expressão cultural; vai além, narrando a história de um povo e de uma região marcada pelo árduo labor nas plantações de cana-de-açúcar. Transcendendo os limites da cultura e da história, revela o papel do sagrado na resistência de um povo e de sua trajetória. Assim, uma pesquisa que se dedique a investigar e analisar essas tradições surge com uma importância social e acadêmica inegável contribuindo para a preservação e valorização do patrimônio cultural imaterial da região.

Estas práticas ancestrais são portadoras de saberes e fazeres que resistiram ao tempo e às adversidades, transmitidos oralmente de geração em geração. Documentar e analisar esses elementos contribui para sua perpetuação e reconhecimento, para preservação da memória dessas expressões religiosas e culturais, garantindo que sejam apreciados e respeitados pelas futuras gerações.

Além disso, uma pesquisa sobre o Catimbó-Jurema e o Maracatu Rural abre caminho para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, religiosas e culturais das comunidades da Zona da Mata Pernambucana. Estas práticas não existem em um vácuo, mas estão entrelaçadas com questões de identidade, pertencimento, resistência e transformação social e política. Analisar sua história, significado e impacto social oferecem ideias valiosas sobre as complexidades e diversidades da vida cultural e religiosa local.

Por fim, uma pesquisa sobre o Catimbó-Jurema e o Maracatu Rural tem o potencial de estimular o diálogo intercultural e promover a valorização da diversidade cultural e religiosa, contribuindo para uma maior apreciação e respeito pelas diferentes tradições culturais e religiosas que enriquecem o tecido social da região.

1 MARACATU: CONCEITO E ORIGENS

Carrego pra onde vou
O peso do meu som
Lotando minha bagagem
O meu maracatu pesa uma tonelada de surdez
E pede passagem
O meu maracatu pesa uma tonelada
Sempre foi atômico
Agora biônico, e eletrosom-sônico
Alterando as batidas
No azougue pesado
Em ritmo crônico
Tropa de todos os baques existentes
De longe tremendo e rachando os batentes
Mutante até lá adiante
Pois a zoada se escuta distante
Levando o baque do trovão
Sempre certo na contramão
(Nação Zumbi)

Assistir uma apresentação de maracatu inevitavelmente desperta não apenas fascínio, mas também uma torrente de curiosidade. De onde deriva essa manifestação cultural cativante? Quais mistérios residem além das performances? Todos os maracatus são idênticos entre si? De onde ele surgiu e há quanto tempo existe?

Essas perguntas têm sido o ponto de partida para muitos estudiosos ao longo dos anos. Com base no que foi produzido na literatura, percebe-se que descrever o maracatu[2] não é uma tarefa simples, pois cada aspecto desse fenômeno pode ser profundamente investigado, incluindo suas origens, música, danças e, especialmente, os segredos de suas crenças, que abrem margem para inúmeras vertentes a respeitos de suas origens gerando controvérsias e desencontros teóricos. Dessa forma, estudiosas e estudiosos tentam, ao longo dos anos, compreender os elementos dessa expressão cultural que transcende os espetáculos no período de carnaval.

Segundo Negreiros (2018, p. 42), o primeiro pesquisador a escrever sobre o Maracatu foi Pereira da Costa (1851- 1923), mas sem fazer uso da designação *nação* ou *baque virado*, a designação era dada simplesmente através do termo Maracatu.

De acordo com Costa (1974,p. 215 apud Negreiros, 2018, p.43), os

[2] Segundo Benjamin (1989 apud Moura 2016), a hipótese de ela ter-se originado a partir da palavra MARACÁ não tem fundamento, ele sugere que talvez ela fosse uma senha criada onomatopaicamente a partir dos sons dos tambores e que era utilizada pelos praticantes para informar da chegada da polícia.

maracatus eram reminiscências da escravidão, uma forma de amenizar a dor da saudade de sua terra natal através da música. Francisco Pereira da Costa, no livro Folk-lore Pernambucano, escreve que “o maracatu é propriamente dito um cortejo régio, que desfila com toda a solenidade inerente à realeza, e revestido, portanto, de galas e opulências” (Pereira, 2004, p. 226).

Na década de 80 o escritor Mário de Andrade, apresenta uma forma diferente de enxergar o Maracatu. Em sua obra *Danças Dramáticas do Brasil,* descreve o Maracatu como uma manifestação cultural afro-brasileira de grande importância e defende a origem da palavra “maracatu” a partir de uma etimologia ameríndia, havendo duas possibilidades onde *“maracá”*[3] significaria instrumento de percussão indígena ou ainda poderia ter-se originado da palavra “*marã”* (guerra, confusão) e *“catu”* bom, bonito em tupi.

> A gente é antes levado a interpretá-lo como voz americana, porque ela assimila facilmente a fonemas guaranis. *Maracá* é o instrumento ameríndio, de percussão conhecidíssimo. *Catu*, emtupi quer dizer bom, bonito (...) *Mara* indica T. Sampaio como sendo a “guerra, a confusão, a desordem, a revolução”. Donde *Marãcàtú* e posteriormente *Maràcàtú,* por assimilação. Isto é: a guerra bonita, a briga bonita, a briga de enfeite, invocando o cortejo real festivo, mas guerreiro (Andrade, 1982, p.137).

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no documento *Patrimônio cultural do Brasil: pareceres de registro dos bens culturais imateriais*, a respeito das considerações feitas por Pereira Costa e Mario de Andradeé importante ressaltar que:

> O Maracatu já havia sido mencionado em estudo pioneiro de Pereira da Costa (1908) e mereceu um capítulo inacabado do nosso etnógrafo modernista, mas nenhum dos dois faz menção a um tipo de Maracatu de modelo distinto do Maracatu Nação. Certamente sua manifestação no interior do estado antecedeu em muito notações e estudos sobre esse tipo de brincadeira que,por muito tempo, foi analisada a partir de comparações com o (provavelmente) mais antigo e (certamente) mais conhecido Maracatu Nação, presente desde o século XIX na cena das festas no Recife. Para Mário de Andrade, “onde o Maracatu se distingue profundamente de todas as outras danças dramáticas,e outras quaisquer de nossas danças negras, é na coreografia”, o que, suponho, deve valer para ambos os maracatus.(IPHAN, p.39, 2021)

[3] Segundo Benjamin (1989 apud Moura 2016), a hipótese de ela ter-se originado a partir da palavra MARACÁ não tem fundamento, ele sugere que talvez ela fosse uma senha criada onomatopaicamente a partir dos sons dos tambores e que era utilizada pelos praticantes para informar da chegada da polícia.

Diante do exposto a partir do olhar de Mário de Andrade, outros autores foram inspirados a pensar o maracatu por outros ângulos, como foi o caso do compositor e pesquisador César Guerra Peixe pioneiro no que tange a diferenciação dos tipos de Maracatus, classificando-os como baque solto e baque virado, ou orquestra e nação. Em sua obra Maracatus do Recife (1955, p. 31), Guerra Peixe comenta que “o vocábulo 'maracatu” não parece derivar de expressões ameríndias, mas nomeava uma forma particular de batuque sob o seu aspecto precisamente rítmico”.

Dessa forma de acordo com Guerra-Peixe(1980, p. 79), o “ ‘toque’ vem a ser a execução individual, coletiva e a festa musical do Maracatu”. Assim, toque virado ou baque virado indica que na música de percussão do conjunto participam mais de um zabumba. Enquanto no toque solto ou baque solto, o conjunto instrumental do maracatu de baque solto, denominado terno, se caracteriza basicamente pelo uso de apenas um zabumba, instrumentos de sopro e mais outros quatros de percussão, sendo eles gonguê, ganzá, tarol, cuíca.

O documento *Patrimônio cultural do Brasil: pareceres de registro dos bens culturais imateriais* traz a contribuição do historiador Leonardo Dantas Silva que afirma: “Maracatu é uma denominação de branco, mas na imprensa local havia reclamações sobre o batuque; Maracatu era o batuque em vários pontos da cidade.”

Ainda sobre a questão da nomenclatura do bem, segundo Medeiros (2003, p. 196)

> Etimologicamente, dizem que é de origem africana, proveniente da palavra "maracatucá" ou "muracatucá", expressão que significava "vamos debandar", muito utilizada nos finais das danças ocorridas em frente da Igreja do Rosário, como uma senha combinada entre os integrantes, para avisar a aproximação dos policiais com intuito de reprimir a dança. A palavra era gritada junto com os toques de tambores: maracatu / maracatu. [...] E por fim, é também veiculada a hipótese de que o termo é de origem africana, existindo ainda uma dança intitulada de “maracatu” praticada pela tribo dos bondos, os quais viviam na época da ocupação portuguesa, numa região de cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Luanda-Angola, na África.

Dessa forma, à luz do que foi exposto, torna-se evidente que não dispomos de bases seguras para conclusões definitivas sobre o termo "Maracatu", pois não podemos traçar uma trajetória que descreva suas origens sem um ponto de partida evidenciado que estabeleça seu início. Portanto, para discorrer sobre o Maracatu, é

fundamental não apenas conhecer a etimologia da palavra, mas também compreender o desenvolvimento de cada variação em particular. Neste capítulo, vamos nos aprofundar nas origens e na estrutura do Maracatu de Baque Solto, objeto de estudo deste trabalho.

1.1 Maracatus de Baque Solto

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),no documento *Patrimônio Cultural do Brasil: pareceres de registro dos bens culturais imateriais* (2021, p.37), "'Brincadeiras', 'folias' e 'folguedos' são termos usualmente empregados para denominar manifestações de caráter popular cuja principal característica é a presença de música, dança e representação teatral."

O Maracatu de Baque Solto, também referido como "maracatu rural", "maracatude orquestra", é uma rica manifestação cultural popular enraizada na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Um aspecto que vale apena ser ressaltado é que alguns participantes consideram a designação "Maracatu Rural" um termo pejorativo, entendido como uma maneira de diminuir a importância desse folguedo e perpetuar preconceitos contra pessoas provenientes das áreas rurais e do interior do Estado. Uma das justificativas para essa visão é que não se ouve falar, por exemplo, do termo "Maracatu Urbano" para se referir ao Maracatu Nação. Por isso, preferem ser reconhecidos pelo estilo de toque do baque solto.

> No decorrer de vinte e quatro anos nada de novo foi escrito sobre o maracatu. Se há menção a fazer, é a curiosa denominação de 'maracatu rural" lançada pela antropóloga norte-americana – aliás excelente - Senhora Katarina Cate; que ignorou por completo os designativos que os próprios populares usam para o tipo de maracatu que chama de maracatu - de - orquestra ou maracatu - de- trombone, agrupamento que admite a inclusão de instrumentos de sopro, em especial do trombone, que não deve faltar no conjunto musical. Se o povo criou denominação para uma certa coisa, não há razão para substituí-la por palavra que só é usada por intelectual" (Guerra-Peixe, 1980, p. 14).

A importância dessa manifestação cultural transcende o âmbito regional, sendo reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil durante uma reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural em 4 de dezembro de 2014. Dessa forma, para compreender a importância e descrever o "brinquedo", denominação

também usada pelos participantes do Maracatu, é essencial analisar as diversas influências que moldam o Maracatu de Baque Solto e os significados que lhe são inerentes.

Segundo Medeiros (2003, p.151),

> A cultura jamais se constitui apenas expressão espiritual, encontrando-se alheia ou exterior as relações de produção e aos conflitos de classe. Não existe cultura que não esteja inserida nas condições materiais. A economia e a cultura seguem imbricadas uma com a outra. Portanto para se entender uma manifestação de cultura popular faz-se necessário estudar o contexto histórico em que surgiu. O maracatu rural transmite a concepção de mundo de seus criadores e tem tudo a ver com a complexa realidade social de onde surge.

O Maracatu de Baque Solto se destaca como um dos símbolos mais emblemáticos da cultura pernambucana, é especialmente representado através do Caboclo de Lança, Imagem central e amplamente reconhecida pelo público.

> O Maracatu Rural, também conhecido como Maracatu Baque Solto, Maracatu de Orquestra e Maracatu de Trombone, é o folguedo tradicional do interior do Estado de Pernambuco, de sua Zona da Mata Norte e arredores, que ocorre durante o período carnavalesco e pela celebração do domingo de Páscoa, mas que também se apresenta na região metropolitana do Recife, e em outras localidades, apenas durante o Carnaval. Sua riqueza expressa-se tanto através da musicalidade, um tipo de batuque ou baque solto, bem como por seus expressivos e vigorosos movimentos coreográficos, pela indumentária dos personagens e pela singularidade de seus versos de improviso. O aspecto sagrado/religioso/ritualístico perpassa o folguedo durante todo o ano, em que se dão os ensaios/sambadas e também durante as apresentações na época do Carnaval e na Páscoa, caracterizando-o fundamentalmente como possuidor do “segredo do brinquedo”, tão caro a seus detentores. Muitos de seus detentores afirmam que o Maracatu Rural/Baque Solto é a sua própria vida, atribuindo um forte valor identitário ao “brinquedo misterioso” em sua imbricação com seu modus vivendi. Da relação com o árduo trabalho nos canaviais, é de onde emerge a dança guerreira dos caboclos de lança, arreiamás, cortejo real, baianas e todos os demais personagens que tecem o colorido forte de sua indumentária ricamente produzida, imbricado ao ritmo frenético de seus instrumentos percussivos e às loas e aos versos cantados de improviso pelos mestres do apito. (IPHAN,2021, p. 29)

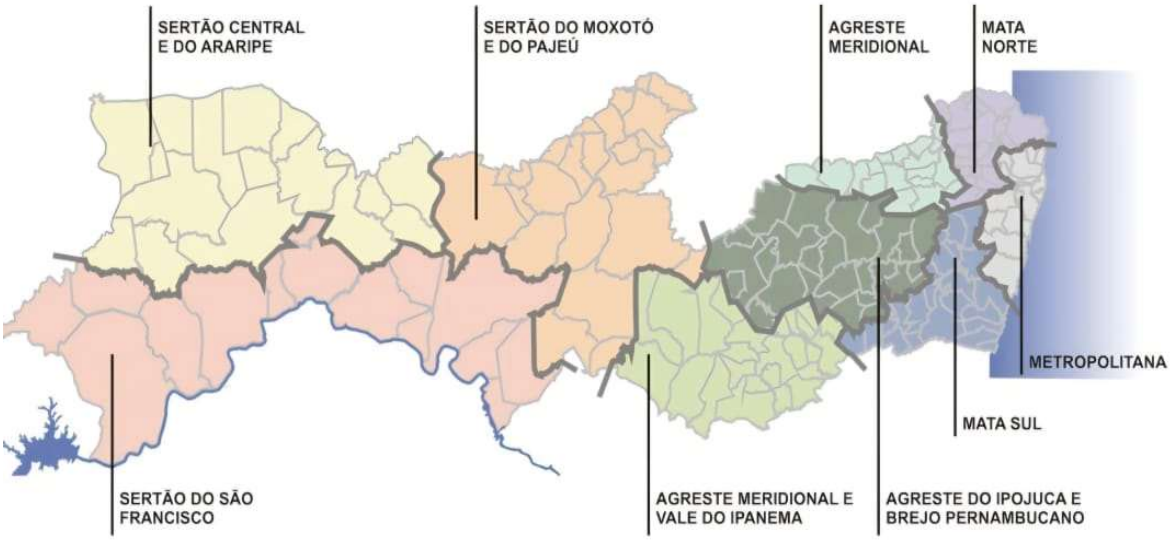
Com relação a origem do bem, essa não é uma tarefa simples, está sujeito a diferentes abordagens por parte dos pesquisadores. Entre as perspectivas, a mais comum é que ele surge entre fins do século XIX e início do século XX na zona da mata norte pernambucana, no contexto marcado pela monocultura canavieira.

Segundo Medeiros (2003, p.304), nestes engenhos “existia um forte coronelismo, autoritarismo, cerceamento da liberdade, violência. A autora sugere que o termo "folguedo" está ligado à ideia de folga, festividade, descanso e ócio, pois é durante os momentos de folga dos trabalhadores, especialmente durante o carnaval, que eles saem às ruas e encantam os espectadores com a beleza de suas apresentações.

Até os dias atuais, a Zona da Mata Pernambucana, por suas características férteis e ricas em recursos naturais, ainda concentra um grande contingente de canaviais que empregam trabalhadores rurais entre uma safra e outra, a cada seis meses. Estes trabalhadores, por sua vez, sobrevivem em condições de extrema vulnerabilidade social.

Dessa forma, o maracatu rural é resultado das vivências dos trabalhadores do plantio e corte da cana-de-açúcar e, por isso, contém elementos de dominação, resistência e conflito. Segundo pesquisadores como Medeiros (2003), a brincadeira surge como uma forma de contestação e reflete suas origens na força das coreografias, no uso da lança e no conteúdo de protesto das loas. O surgimento do Maracatu de Baque Solto ocorre em um contexto multifacetado, marcado pela exploração do trabalho, pela opressão e pela miséria enfrentadas pelos trabalhadores canavieiros. Esses trabalhadores expressam suas lutas, revoltas e conflitos por meio desse folguedo, que também é visto como uma ação coletiva de resistência. A cidade de Nazaré da Mata é conhecida como a "Terra do Maracatu", não apenas por concentrar a maior parte dos Maracatus de Baque Solto do Estado, mas também porque, geograficamente, o município abrangia toda a área onde atualmente estão situados os municípios de Aliança, Vicência, Tracunhaém, Paudalho, Carpina, Buenos Aires, São Vicente Férrer e Macaparana, sendo o berço para a criação de diversos folguedos.

Imagem 1 Mapa de Pernambuco



Fonte: Agência Condepe/ Fidem(2003)

Imagem 2 Mapa da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco

Fonte: Elaboração Própria

Dentre as diversas abordagens sobre a origem do Maracatu de Baque Solto, estãoas percepções de Câmara Cascudo, que em seu livro "Made in Africa", afirma que o cambindas foi a modalidade primitiva dos maracatus de Pernambuco. No entanto, essa não é uma visão compartilhada por todos os grupos que se autodenominam "Cambinda". Segundo alguns brincantes, "Cambinda" também se refere a um peixe pequeno de água doce comum nos açudes do interior pernambucano.

> [...], foi sinônimo de escravo africano. Cambindas eram também denominados os grupos dançantes de negros que folgavam pelo Recife em préstito, até a porta da Matriz, depois convergindo, funcionalmente, para o carnaval, no ritmo solene dos desfiles fascinantes dos maracatus [...] Cabinda, cambinda, foi a denominação inicial do maracatu. (Cascudo, 2001, p.164- 165).

Para Roberto Benjamin apud IPHAN (2021,p. 19)

> [...] é plausível que, sob a denominação inicial de “cambinda”, a palavra tenha vindo de Cabinda, região ao norte de Angola, acima do rio Congo, lembrando que “um grande contingente de escravos no Brasil era chamado de cambindas. [...] Curiosamente, os dois mais antigos maracatus de baque solto, em atividade, chamam-se Cambindinha, de Araçoiaba (fundado em 1914) e Cambinda Brasileira, do engenho Cumbe, em Nazaré da Mata (fundado em 1918)”.

Além desse, autores como Guerra Peixe, Katarina Real e Bonald Neto compactuam da percepção de quem o Maracatu de Baque Solto teria surgido pela contribuição de outras manifestações culturais como coco, caboclinho e outros apontamo hibridismo de culturas africanas e indígenas na composição de maracatus de baque solto. A antropóloga norte-americana Katarina Real descreveu que “quase todos os Maracatus rurais brincam ‘côco de roda’ nas suas sedes na época junina, e alguns ‘ensaiam’ também ‘cirandas’ e ‘quadrilhas’. Há vários casos em que o Mestre do Maracatu durante o carnaval também é mestre do côco e da ciranda junina! (Dossiê, 2013, p.188)

Diferente do Maracatu nação que tem sua origem nas festas de coroação dos Reis do Congo que aconteciam nos séculos XVII e XVIII, como uma forma de expressãocultural dos negros.

> Diferente do maracatu nação ou de baque virado, o maracatu rural ou de baque solto não descende exclusivamente da instituição dos reis de congo. É um resultado da fusão de manifestações populares – cambindas, bumba meu boi e cavalo- marinho, coroação dos reis negros. Há um cortejo real,

> personagens “sujos” (Mateus, Catirina, burrinha, babau, caçador), um baianal, damas de buquê, dama do paço, calungas, caboclos de pena e de lança. Tem forte tradição na palha da cana, sobretudo na Zona da Mata Norte, em Pernambuco. Na década de 1930, com a migração dos rurícolas para áreas urbanas, esse tipo de maracatu começou a aparecer no Recife, e hoje podemos encontrá-lo na Mata Norte, Mata Sul, Região Metropolitana e até na Paraíba. (Amorim; Benjamin, 2002, p. 109.)

Ao longo de sua trajetória histórica, o Maracatu carrega consigo uma forte identidade de pertencimento a um grupo. Famoso pela violência, as brigas pareciam fazer parte da brincadeira. Em outros tempos quando dois maracatus se cruzavam, poderiam ocorrer brigas sangrentas entre seus membros. Os maracatus paravam um em frente ao outro, cruzavam suas bandeiras, e os mestres eram compelidos a entoar loas em homenagem à outra agremiação; caso contrário, poderia surgir uma confusão:

> A propósito da violência antigamente cultivada, José Manoel da Silva, ou Zé de Carro, presidente do Maracatu Cambinda Brasileira, reporta-se a essa belicosidade, acreditando que a tinta vermelha da lança dos caboclos faz referência ao passado de “sangue” em que o folguedo estava inserido. Era, portanto, essa guerra latente, sempre prestes a explodir, que Salustiano desejava neutralizar, mediante a criação de associações, reuniões, espaços formais para apresentação. Assim, a partir de iniciativas de pacificação, associadas a desejo de inserção no mercado cultural, surgiram os encontros. (FUNDARPE, 2013, p. 90)

Atualmente, a violência se torna um elemento simbólico parte do espetáculo.

> O costume de “bater pau”, rememorado “com entusiasmo”, nas palavras do caboclo de lança Severino Ramos, era o que acontecia antigamente, há pelo menos meio século, quando os grupos saíam pelos engenhos e dois deles se encontravam num dos caminhos. Para não haver briga, os rivais precisavam cruzar as bandeiras. Caso contrário, “botam a guiada no outro e furam logo o pano da bandeira, derrubando ‘o caboclo-de-frente’, chamado o ‘caboclo-pé-de-bandeira’, o que defende o símbolo da ‘Nação’. Quando furam a bandeira, começa o pau”. O calço, o fechamento do corpo, a proteção espiritual evocava a paz, buscavam afugentar a morte. Transformada em carga simbólica, essa luta hoje está convertida em coreografia: “bater pau” se transformou em jogo de cena, em faz-de-conta, em dança vigorosa que se aprende e se exercita durante ensaios e sambadas. É praticado entre duplas ou em círculo, numa simulação dos modos de se manobrar a guiada. (FUNDARPE, 2013, p. 213)

No início do século XX, com o declínio da agroindústria açucareira nas décadas de 30 e 40, muitos trabalhadores migraram do interior de Pernambuco para

a Região Metropolitana do Recife, enfrentando desafios para se adaptar e sobreviver, sem deixarde lado as raízes culturais de sua terra natal. Com o objetivo de preservar sua cultura e conhecimentos, os brincantes se reinventaram no ambiente urbano, buscando manter viva sua identidade por meio do resgate das tradições do Maracatu de Baque Solto nessenovo cenário. Assim, além de ganharem mais visibilidade, expandiram-se para outras regiões como a Mata Sul e até a Paraíba, devido à proximidade com o estado de Pernambuco. Posteriormente, passaram a sofrer influências do cenário cênico do carnaval recifense.

Durante o período do Estado Novo, o governo passou a exercer controle direto sobre as festas populares, especialmente o Carnaval, por meio de órgãos de fiscalização e controle das manifestações públicas e culturais. Essa intervenção foi impulsionada pelo contexto político desenvolvimentista, visando promover uma ideologia que fortalecesse o apoio ao Estado Novo, fundamentada no sentimento nacionalista e patriótico.

Atualmente, os maracatus podem se filiar a duas entidades não governamentais: a Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco, fundada em 28 de abril de 1990 pelo Mestre Salustiano na cidade de Aliança, e a Federação Carnavalesca de Pernambuco, sediada em Recife, estabelecida em 1935 por intelectuais folcloristas tornando-se responsável pela organização do carnaval e dos desfiles das agremiações. Conforme mencionado por Medeiros:

> Durante os anos 40 e 50, os maracatus rurais foram discriminados pela Federação Carnavalesca que não os consideravam autênticos e sim, uma deturpação dos maracatus nação. Estes faziam parte da 1ª categoria nos desfiles, sendo aqueles pertencentes à 2ª categoria. Isso perdurou até a década de 80. Como os maracatus rurais eram considerados descaracterizados, degenerados de segunda classe, a Federação Carnavalesca de Pernambuco pressionou de várias maneiras para enquadrá-los no tipo padrão dos maracatus nação, como por exemplo, sugerindo a necessidade de se mudar o ritmo e exigindo a presença do rei, da rainha e da Corte, características originalmente inexistentes nos maracatus rurais. Também exigiu a criação de uma ala mirim. Esta tendência buscava diminuir ou extinguir as diferenças entre as manifestações rurais e as urbanas, subordinando o campo à cidade através da homogeneização e diminuindo cada vez mais as suas diferenças. Esta Federação chegou a premiar, na década de 40 e 50, os maracatus rurais para que mudassem seu ritmo, de baque solto para baque virado, transformando-os em maracatus nação. Isso aconteceu com o maracatu Almirante do Forte e o maracatu Indiano, ambos sediados na Cidade do Recife e mais sujeitos às influências e pressões da Federação Carnavalesca. Além disso ela proibiu as brigas e conflitos que existiam

> entre os maracatus rurais, a chamada “época doscaceteiros”, que causava inclusive mortes (Medeiros, 2013, p. 215):.

Nesse contexto, até a década de 70 havia uma perseguição e repudio aos Maracatus de Baque Solto por parte da sociedade e da federação carnavalesca de Pernambuco como um porta voz da Elite, que a época considerava os folguedos rudes, violentos e descaracterizado como testemunhou a antropóloga Katarina Real que oferece a transcrição da manchete publicada em periódico do Recife, o Diário da Noite, de 11 de janeiro de 1966, extremamente depreciativa, com o título de *Maracatus Distorcidos:*

> É simplesmente lastimável a apresentação desses maracatus descaracterizados que todos os anos aparecem no carnaval. Melhor seria que esses conjuntos não fossem classificados como tais, pois maracatu com orquestra, flautas e pífano, com uma praga de ‘tuchaus’ carregando nas traseiras aquela lataria pode ser tudo menos uma ‘nação africana’... (Real, 1967, p. 94).

No período entre os anos 60 e 70, os grupos de Maracatu de Baque Solto passaram a recebem maior atenção dos dirigentes carnavalescos, no entanto para serem aceitos e legitimados no cenário do carnaval recifense sofrem pressão para se moldar, incorporando elementos do Maracatu Nação, como é o caso da presença da corte real no maracatu de baque solto. “Se hoje existem reis e rainhas no Maracatu de Baque Solto, é por imposição das tradições aristocráticas do litoral”, como afirma o historiador Severino Vicente da Silva (2010, p. 3).

No início da década de 1990, com o estabelecimento da Associação dos Maracatus de Baque Solto, essa categoria começou a se fortalecer e se organizar, ganhando mais reconhecimento e capacidade para negociar cachês nas cidades onde se apresentavam. A fundação da Associação dos Maracatus de Baque Solto fortaleceu o brinquedo, conferindo maior poder de decisão dos seus representantes e ampliando os espaços de negociação com os órgãos oficiais do Carnaval, em especial com a federação carnavalesca de Pernambuco. Em contrapartida, na percepção de alguns autores a criação da associação torna-se um ponto de inflexão para a mercantilização eespetacularização do Maracatu.

O Dossiê afirma:

> Nessa dinâmica de antropofagias, recriação artística e apropriações, cabe aos protagonistas do folguedo a legitimação, a representatividade. São eles próprios a quem cabe aceitar, ou não, submeter-se a regras ditadas pela indústria cultural, por órgãos reguladores, por instituições. Um exemplo é o

> concurso de agremiações carnavalescas do Recife, para o qual determinados grupos de maracatu não se inscrevem, por considerar inadmissível a submissão a regras impostas pelos organizadores daquele ou de qualquer outro certame. A necessidade de transformação dos grupos de maracatu em pessoa jurídica provoca tensões, suscita polêmicas tendo em vista que determinadas inserções no mercado cultural exigem dos folgazões abdicar de algumas características, mesmo que momentaneamente. A Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS-PE) tem funcionado como um organismo mediador dessas tensões e, cada vez mais, o associativismo do baque solto vem funcionando como orientador de demandas profissionais que incluem captação de recursos, agendamento de apresentações em variados eventos artísticose culturais durante todo o ano, produção de projetos para concorrer em editais de fomento à cultura. As políticas públicas ganham nova dimensão nesse processo de autoafirmação dos próprios folgazões, da conquista de respeito e legitimação própria (FUNDARPE, 2013, p. 51-52).

Num outro momento da história do Maracatu rural, que se estende dos anos de 1970 até os anos 2000, há uma mudança significativa na percepção da sociedade em relação a essa manifestação cultural. Isso se deve, em grande parte, ao trabalho midiático que altera o discurso preconceituoso e dá visibilidade a essa expressão cultural, agora vista com orgulho de pertencimento à cultura pernambucana. Pesquisadores apontam que esse processo foi impulsionado pelo Movimento Armorial[4], idealizado pelo escritor Ariano Suassuna. Com o foco midiático nos elementos da cultura popular, artistas como Alceu Valença ganham destaque, e o

Maracatu de Baque Solto alcança visibilidade nacional e internacional também por meio do Movimento Mangue Beat[5], liderado por Chico Science e seu grupo Nação Zumbi. Esses acontecimentos marcaram uma nova fase para o Maracatu de baque solto.

> [...] conseguindo assim maior atenção junto à Federação Carnavalesca e, consequentemente, mais espaços nos desfiles,maior acesso a patrocínios e presença positiva na mídia escrita e fonográfica. Segundo a pesquisa de Ana Valéria Vicente nos jornais, **foi a partir do início dos anos 2000 que o "maracatu rural se consolidou como símbolo-mor da cultura**

[4] Nas palavras de Ariano Suassuna: A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados. (Jornal de Semana, 20 de maio de 1975)

[5] O Movimento Manguebeat, surgiu no início da década de 1990 e teve como principais idealizadores Chico Science, Fred Zero Quatro, Renato L, Mabuse e Hélder Aragão. O ritmo mistura elementos da cultura regional de Pernambuco como maracatu rural e coco, com a cultura pop, principalmente o rock e o hip-hop. O movimento continua influenciando a cena cultural pernambucana e deixa como legado a ressignificação da cultura popular.

> **pernambucana”**, sendo que, em alguns casos, essa legitimação implicou atribuir-lhe uma falsa pureza de tradições afro-brasileiras – ignorando-se assim o hibridismo que o caracteriza. Emblemática é a conversão da Imagem do caboclo de lança em ícone da identidade pernambucana, utilizado inclusive em propaganda eleitoral e em anúncios publicitários. Concluindo, a autora aponta para mudanças na conImagemçãodo Maracatu Rural, tais como “na indumentária, no tempo e na forma das apresentações e na própria maneira como os foliões vivenciam a brincadeira, que tem aos poucos perdidos um pouco de sua dimensão religiosa original para transformar-se em espetáculo”. Segundo alguns autores, é sobretudo nos ensaios e nas sambadas que se mantém o clima de envolvimento dos detentores com o folguedo, inclusive na sua dimensão ritualística. Mas, ao chamar a atenção para o fato de que “a utilização massiva da imagem do caboclo de lança e a repetiçãoda ideia de que o maracatu rural simboliza a cultura pernambucana não têm, ao menos por enquanto, se revertido em melhoria efetiva na vida dos foliões, em financiamento para os custos do espetáculo ou políticas de real desenvolvimento para suas comunidades”, a autora nos ajuda a refletir em que medida o registro do Maracatu de Baque Solto no Livro das Formas de Expressão, recebendo assim o título de Patrimônio Cultural do Brasil, pode contribuir efetivamente para a preservação dos valores que justificam essa iniciativa por parte do IPHAN e, especialmente, daqueles valores que zelosamente vêm sendo guardados e transmitidos por seus detentores.[...] (IPHAN, 2021, p.41)

Assim, é essencial destacar o que foi mencionado anteriormente sobre as condições de vida dos brincantes e da própria manifestação cultural. O Maracatu de Baque Solto não recebe do Estado o reconhecimento proporcional à sua importância, resultando em grupos que enfrentam enormes dificuldades devido à escassez de recursos. Tambémé válido ressaltar o posicionamento da autora, que sugere que, ao receber o título de Patrimônio Cultural do Brasil, o Maracatu de Baque Solto estaria mais protegido e preservado. No entanto, essa não é a realidade enfrentada atualmente em Nazaré da Mata, especialmente diante das tentativas da prefeitura de destruir o Parque dos Lanceiros. O parque dos lanceiros [6] já aparecia como um aspecto importante no dossiê de candidatura devido a dificuldade de ocupação do espaço por parte dos grupos demaracatus (p.262).

> Com exceção dos eventos ocorridos no Parque dos Lanceiros, equipamento cultural da Prefeitura de Nazaré da Mata, onde a duração pode ser estendida, os maracatus enfrentam dificuldades em realizar sambadas e ensaios em suas sedes, então torna-se tema recorrente em reuniões da

[6] Atentado contra o maracatu rural: Prefeitura vai “demolir” o Parque de Lanceiros em Nazaré https://oxerecife.com.br/atentado-aos-maracatus-rurais-prefeitura-vai-demolir-o-parque-de-lanceiros-em-nazare/

> Associação dos Maracatus de Baque Solto e surge como demanda para as ações de salvaguarda da manifestação.

Nessa interseção de conflitos de interesses, os maracatus rurais perseveram, desfilando com suas deslumbrantes fantasias enfeitadas, iluminando as ruas da Zona da Mata e da região metropolitana do Recife. Negociam constantemente entre manter suas tradições e se adaptar às mudanças, incorporando elementos sagrados e profanos do carnaval, em um ciclo contínuo de transformações e permanências, refletindo uma dinâmica de flexibilidade e resiliência.

Imagem 3 *Parque dos lanceiros - Nazaré da Mata - PE*

1.2 O espetáculo e seus personagens

A fim de entendermos o Maracatu de Baque Solto, precisamos antes saber afunção e a importância de cada personagem na brincadeira.

A frente do maracatu:

- **Burrinha**[7] – é a primeira personagem do maracatu, homem vestido de burra estalando um chicote no chão abrindo espaço para o Maracatu passar, possibilitando as manobrasdo caboclo de lança.
- **Catita ou Catirina –** também vai à frente do maracatu, homem vestido de mulher com o rosto pintado de preto, ela é a mulher do Mateus, personagens do cavalo marinho. Em suas mãos sempre leva um jereré (rede), usado para pegar peixe. Em um tempo passado do Maracatu, a Catita, com sua simpatia e brincadeiras, ia à frente do Maracatuarrecadando dinheiro e alimentos.
- **Mateus –** personagem vindo do Cavalo Marinho, usando um chapéu em forma de funil com papel celofane, em suas mãos traz sua guiada e em suas costas um surrão pequeno, o que o diferencia do Mateus do Cavalo Marinho.

Parte central do maracatu:

- **Boneca ou Calunga –** personagem símbolo dita como 'dona' do Maracatu, sempre de cor preta, tem a função de proteger o Maracatu contra o mau olhado.
- **Dama da Boneca ou de Paço –** Baiana responsável por carregar a boneca durante todoo cortejo.
- **Arreiamá ou Caboclo de Pena –** personagem que usa um grande penacho de pena de pavão na cabeça, em suas mãos um machado. Sua principal função é proteger o baianal,a Dama de Paço e a Corte real.
- **Baianas –** formadas por dois cordões, de aparatos estéticos impecáveis e chapéu de palha, as Baianas carregam nas mãos uma vareta com o símbolo do Maracatu ao qual faz parte, elas vem logo atrás dos Arreiamás.
- **Corte Real** [8]**–** a Corte Real é composta por um rei, rainha, dois iluministas e umhomem que carregam um guarda sol que cobre o rei e a rainha.
- **Bandeira –** a Bandeira é o principal símbolo do maracatu. Nela, estão escritos: o tipo domaracatu, o nome do maracatu, o ano de fundação, o símbolo e a cidade no qual

[7] **Caçador** – na brincadeira, o caçador, montado em sua Burra, encena pequenas confusões com o Mateus enquanto a Catirina transita por todo o maracatu, da frente até a parte de trás, na busca de tais regalos. (Souza,2015, p. 61).

[8] A presença de uma corte no Maracatu de Caboclo foi uma exigência da Federação Carnavalesca Pernambucana para que a dança dos caboclos fosse aceita como maracatu e pudessem receber apoio financeiro daFederação (Silva, 2012, p. 54)

foi fundado. A cada ano é confeccionada uma nova Bandeira, após o fim do toque do Terno,os Caboclos de Lança se ajoelham em reverencia à Bandeira.

- **Bandeirista –** é o responsável por carregar a Bandeira.

Trincheiras (lateral à parte central do maracatu)

- **Caboclo de Lança –** personagem central do Maracatu de Baque Solto, o caboclo de lança é o guerreiro protetor do brinquedo, usando um surrão com chocalhos de metal nas costas, um chapéu colorido de fitas de celofane, uma gola com lantejoulas de diversas cores e uma guiada ou lança repletas de tecido, ele faz seus movimentos, evoluções e dança; na boca levam seu cravo ou galho de arruda, sinal de sua proteção.

  Existe uma hierarquia interna na cabocaria, onde se define algumas posições. O mestre caboclo coordena e guia os lanceiros, fazendo valer sua autoridade. Temos também os puxadores de cordões e os bocas de trincheiras, e por fim o pé- de-bandeira.

Final do maracatu

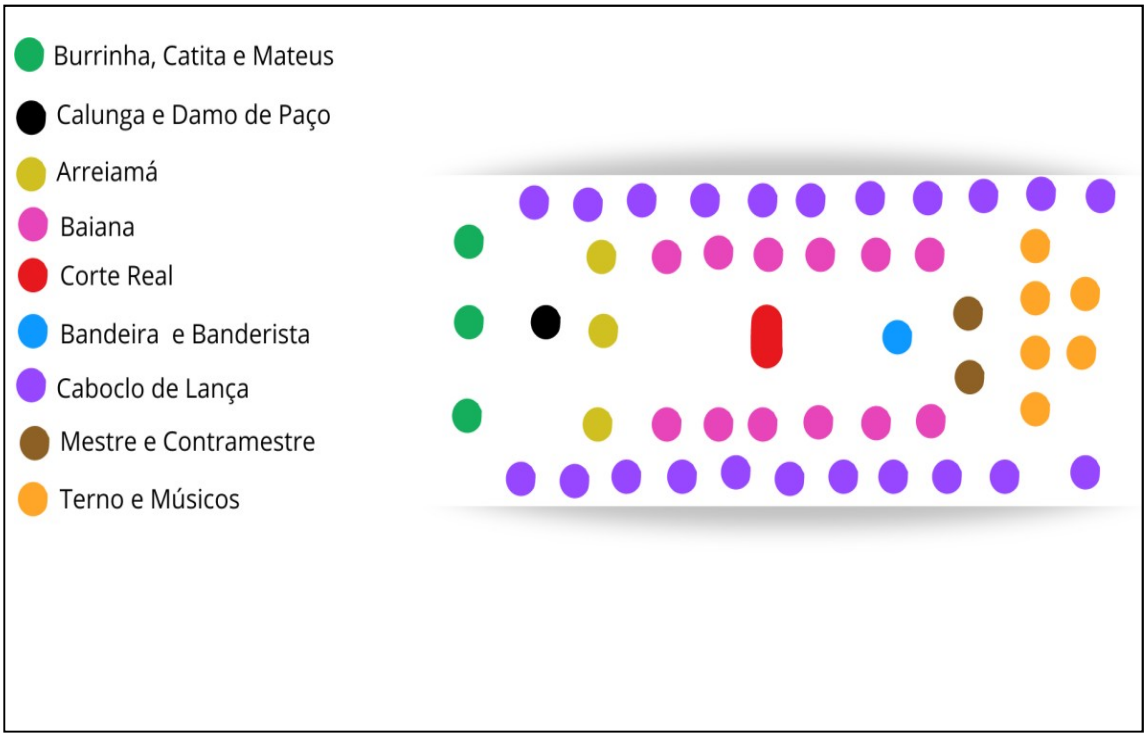
- **Mestre –** responsável por improvisar as rimas, loas; carregando um apito e um bastão(bengala), este cravado com anéis de metal. É a autoridade máxima do maracatu.
- **Contramestre –** repete os últimos versos cantados pelo Mestre. Em caso de ausênciado Mestre, o Contramestre assume o comando do maracatu.
- **Terno –** composto por porca [9], ganzá, gonguê, bumbo e tarol.
- **Orquestra –** músicos que tocam instrumentos de sopro, trombone, trompete e commenos frequência, saxofone.

[9] Instrumento musical, com uma haste de madeira presa ao centro da membrana de couro. O som é obtido com um pedaço de pano molhado friccionando a haste com movimentos de dentro para fora, reproduzindo um som de ronco bem característico.

Imagem 4 *Personagens do Maracatu de Baque Solto.*

Fonte: Elaboração Própria

Imagem 5 *Disposição espacial do Maracatu Rural*



Fonte: Elaboração Própria

As especulações para a origem do maracatu de baque solto, embora haja divergências em alguns aspectos, as concepções convergem para um ponto central: a complexidade em compreender suas origens. Katarina Real em seu livro O Folclore no Carnaval do Recife descreve que:

> Entre todos os deslumbrantes folguedos que percorrem as ruas do Recife e os morros e córregos do subúrbio durante a época carnavalesca, um dos mais extraordinários é, sem duvida o "maracatu rural" também chamado de "Maracatu de orquestra" ou "Maracatu de baque-solto". De todos esses folguedos tem sido não somente o menos estudado como também o menos compreendido. É até estranha a sua existência no Recife, durante várias décadas, numa penumbra de mistérios, quase desinteresse por parte de alguns e critica violenta por parte de outros. [...] Isto talvez se explique pelo fato de que esses grupos estão em plena fase de desenvolvimento com suas estruturas ainda não completamente definidas. Devido a algumas de suas características, principalmente a presença de "caboclos de lança" e "caboclos de pena", os maracatus rurais são de vez em quando denominados de "caboclinhos" ou "maracatus descaracterizados". (Real, 1990, p. 71)

Diversas tentativas foram feitas nesse sentido, algumas apresentando argumentos mais sólidos, enquanto outras parecem mais fantasiosas. No entanto, todas concordam em reconhecer a influência das culturas afro-indígenas. A dificuldade em traçar uma linha clara de suas origens apenas enriquece o mistério e a magia que envolve essa expressão cultural, isso se deve a sua cultura oral, tornando os maracatus de baque solto uma verdadeira fonte de fascínio e inspiração para estudiosos e amantes da cultura brasileira.

Nos Maracatus de Baque Solto, a influência das crenças e tradições indígenas é profundamente marcante. Estas tradições estão impregnadas de seres encantados e entidades espirituais, onde os rituais podem se desdobrar de maneira singular e individualizada ou servir como uma representação da proteção coletiva. Além disso, destaca-se a presença marcante dos personagens fantásticos e espiritualizados, como os caboclos e outros seres mágicos, os quais também desempenham papéis essenciais em diversos folguedos tradicionais. Essa interação entre a tradição do maracatu e as influências indígenas contribui para a riqueza cultural e diversidade do folclore brasileiro, manifestando-se de maneira única em cada manifestação dessa expressão artística.

2 CAMBINDA BRASILEIRA 106 ANOS DE TRADIÇÃO

Cambinda Cambinda Cambinda
Brasileira brasileira brasileira
Tem sambada, vou sambar
Tem sambada, vou sambar
No terreiro de João Padre
Marcha e samba vai rolar
Cambinda Cambinda Cambinda
Tem sambada vou sambar
Tem sambada vou sambar
a poeira vai avoar
Cambinda Cambinda Cambinda
Brasileira brasileira brasileira
Tem sambada vou sambar
Tem sambada vou sambar
No terreiro de João Padre
Caboclos e baianas
Cambinda Cambinda Cambinda
Tem sambada vou sambar
Tem sambada vou sambar
No terreiro de João Padre
A poeira vai achar
Cambinda Cambinda Cambinda
Brasileira brasileira brasileira
Dona Joaninha se encanta
Cambinda
Zé de Rosa não descansa
Brasileira
O caboclo é de lança e o santo dança
(Cambinda Brasileira, Ticuqueiros)

2.1 História do Maracatu Cambinda Brasileira

O Maracatu de Baque Solto Cambinda Brasileira, criado em 5 de janeiro de 1918, representa uma peça fundamental da cultura popular de Pernambuco, especialmente na região da Zona da Mata Norte. Reconhecido como o maracatu rural mais antigo em atividade contínua no Brasil, o grupo tem sua sede no Engenho Cumbe, situado em Nazaré da Mata. Sua trajetória é marcada pela preservação e expressão de uma rica herança cultural, que inclui elementos do sincretismo religioso, música tradicional e a valorização do trabalho nos canaviais. Durante suas apresentações, os líderes do Cambinda Brasileira, o rei e a rainha, desfilam pelas ruas de Nazaré da Mata, encantando os apreciadores da cultura nordestina com sua manifestação artística e reverência às tradições locais.

O Maracatu Cambinda Brasileira, foi oficialmente reconhecido pelo Governo do Estado em 2008 como um ponto de cultura, e mais tarde, em 2019, foi homenageado como Patrimônio Vivo. Esse reconhecimento não apenas celebra a importância histórica e cultural do Cambinda, mas também reforça seu papel vital na comunidade local.

Imagem 6 *Sede de apoio do Cambinda Brasileira. Foto do autor 2020*

No coração da vibrante tradição do Maracatu Cambinda Brasileira, um espírito de dedicação e colaboração une todos os seus integrantes. Durante todo o ano, membros do grupo se reúnem com um objetivo comum: a confecção das intrincadas fantasias que serão usadas em suas memoráveis performances. Cada peça é meticulosamente criada à mão, refletindo não apenas a riqueza cultural do maracatu,mas também o compromisso e a paixão dos envolvidos.

Essa união entre os membros do Cambinda é fundamental. Desde cortar tecidos até pintar e bordar detalhes finos, cada passo é uma celebração da arte e da identidade cultural do grupo. Homens e mulheres, jovens e idosos, todos compartilham suas habilidades e conhecimentos, fortalecendo os laços comunitários e garantindo que o legado do maracatu continue vibrante e relevante.

Esse trabalho contínuo ao longo do ano não apenas prepara o grupo para o carnaval e outras apresentações, mas também atua como um ponto de encontro para a comunidade, onde tradições são passadas de geração para geração. O resultado é um espetáculo visual deslumbrante que captura a essência do Cambinda Brasileira, celebrando a história e a cultura de Pernambuco com cada movimento e cada traje.

Tradicionalmente aos domingos de carnaval é feita a chamada dos caboclos de lança no terreiro da sede do Cambinda Brasileira, no Engenho Cumbe, ritual que dá as boas vindas ao carnaval. Ao som do terno e das loas do Mestre do maracatu os caboclos são chamados um a um, executando sua dança e manejo de sua lança, abrilhantando espetacularização da apresentação.

Imagem 7 *Apresentação dos caboclos de lança. Foto do autor 2020.*

Promovida pela Prefeitura do Recife, o concurso de agremiações do carnaval do Recife 2024, reuniu 218 agremiações de onze modalidades, com desfile acontecendo na Avenida Dantas Barreto. O Maracatu de Baque Solto Cambinda Brasileira se consagrou campeão do grupo especial na categoria Maracatu de Baque Solto, demostrando sua força e tradicionalidade.

Imagem 8 *Apresentação do Cambinda Brasileira na Passarela, Recife. Foto 2024*

Para os integrantes do Maracatu Cambinda Brasileira, a Páscoa é um momento tão significativo quanto o Carnaval. Situada no Engenho Cumbe, a celebração da Páscoa envolve todos os membros em uma jornada de alegria e comunhão. Tradicionalmente, no Domingo de Páscoa, os participantes se reúnem na sede do grupo, iniciando os festejos em um ambiente despojado, distante dos trajes formais usados no Carnaval.

A comemoração é marcada por um percurso através da terra avermelhada da região, ao som vibrante do terno, que dita o ritmo da festa. Ao chegarem à sede do Cambinda Brasileira, os festejos ganham vida com uma sambada, liderada pelo mestre do maracatu. Este evento é uma demonstração vibrante da cultura e do espírito comunitário do grupo, reunindo os membros para celebrar a união e a continuidade de suas tradições em um ambiente festivo e inclusivo.

Essas comemorações de Páscoa não apenas fortalecem os laços entre os membros do grupo, mas também servem como um momento de renovação e reafirmação de sua identidade cultural. O Maracatu Cambinda Brasileira, através dessas festividades, celebra não só um evento religioso, mas também a riqueza de sua herança cultural, transmitindo o legado do maracatu para as futuras gerações.

> O Carnaval de Páscoa é uma celebração que se dá com almoço festivo, no Domingo de Páscoa, e simboliza o encerramento das comemorações do ciclo carnavalesco. A principal motivação é reunir os folgazões, na própria

> sede ou em algum outro espaço coletivo, para interagir, confraternizar, celebrar a tradição [...] (IPHAN, 2013, p. 84)

Imagem 9 *Festejo de pascoa. Engenho Cumbe 2024*

2.2 O legado de Dona Biu.

A cultura popular e o Maracatu de Baque Solto perderam uma de suas figuras mais emblemáticas com o falecimento de Severina Maria da Silva, mais conhecida como Dona Biu do Maracatu, aos 72 anos. Durante cinco décadas, Dona Biu dedicou-se ao Maracatu Rural Cambinda Brasileira, de Nazaré da Mata, onde desempenhou um papel crucial na orientação espiritual e cultural dos participantes.

Dona Biu, reconhecida por sua liderança e sabedoria, era vista como uma matriarca dentro do universo do maracatu. Sua morte não apenas deixa um vácuo na comunidade de baque solto, mas também reforça o legado de dedicação à preservação das tradições culturais e religiosas do baque solto destacando-se por sua habilidade em mediar e integrar diferentes crenças, contribuindo para a tolerância e o diálogo intercultural dentro da prática do maracatu.

Desde jovem, Dona Biu foi reconhecida por seu dom espiritual, tendo sido iniciada no candomblé por Mãe Menininha do Gantois. Aos 22 anos, assumiu

responsabilidades significativas como madrinha do Cambinda Brasileira, sucedendo a antiga madrinha Dona Mariinha. Sua abordagem ao espiritualismo era marcada por um respeito profundo às tradições, embora mantivesse em sigilo os detalhes de seus métodos e rituais, mantendo assim os mistério e segredos do brinquedo.

> Porque a gente ensinar quem não sabe é muito bom, né? Justamente tenho muita cabocaria, tenho baiana, que não sabe atitude de tomar um banho, de limpeza, de pegar um cravo, certo. Justamente a minha dama do passo é uma coisa linda. Mas se eu não ensinar pra ela, não dar da minha atitude pra ela, ela não sabe nada. Tem os cravos de meus caboclos, eu benzo todos eles entrego a cada um em nome de Jesus e aos orixás. Se houver algum problema, se acontecer algum problema dentro do meu Cambinda, antes de acontecer eu não deixo acontecer, porque Jesus não deixa, eu vou me defender e defender o meu batalhão. (Dona Biu, em entrevista disponibilizada no instragram do Cambinda Brasileira)

O impacto de Dona Biu estende-se além do espiritual e cultural, alcançando também aspectos sociais e profissionais de membros da comunidade, guiando-os em seus percursos de vida. Após o falecimento de Dona Biu, sua irmã Dona Sebastiana foi quem assumiu o posto de madrinha espiritual do Cambinda Brasileira, mantendo toda a tradição cultural e religiosa do brinquedo.

Imagem 10 Dama do paço veste preto em homenagem a Dona Biu

Sem Carnaval em 2022, Cambinda Brasileira presta homenagem a madrinha espiritual Dona Biu, falecida em 2020, e às vítimas da COVID-19 no Brasil.

Fonte: Heudes Regis

Imagem 11 *Dona Biu, ao centro*

Foto: Heudes Regis.

A trajetória de Dona Biu e sua dedicação ao Maracatu Cambinda Brasileira ressaltam a importância de preservar as tradições culturais como um elo vital entre passado, presente e futuro, refletindo o poder da cultura popular em moldar e sustentar comunidades através de gerações.

3. A RELAÇÃO DO MARACATU COM O CATIMBÓ-JUREMA

"Galho de pinhão roxo
Nas mãos da rezadeira
Tira mau olhado com fé verdadeira
Galho de pinhão roxo
Antiga tradição
Passa da avó, pra mãe, pra filha, forte devoção
Passa da avó, pra mãe pra filha,
Forte devoção
Luizas, Marias , Josefa
Senhoras com um pouco de anjo
Empregam bom tempo em suas rezas
Transmitem e oram, transmitem e oram
Tranitem e oram
Fé em Jesus que ele faz o resto
Fé em Jesus
Fé em Jesus que ele dá benção
Fé em Jesus pra tirar olhado de menino
Olhado de menino..."
(Pinhão roxo – Ticuqueiros)

Neste capítulo tentarei relatar minha experiência e percepção em relação ao Catimbó-Jurema no maracatu Rural, tendo como objeto de observação o Cambinda Brasileira. Minha experiência com o campo foi durante os carnavais de 2020 e 2024 onde participei de ensaios, sambadas e apresentações durante os três dias de carnaval. Por tanto, este capítulo tem como objetivo principal desvelar os mecanismos de preservação do Catimbó-Jurema dentro do universo do Maracatu Rural, focando especificamente na atuação do grupo Cambinda Brasileira. Busca-se compreender como as práticas tradicionais de Catimbó-Jurema são mantidas, adaptadas e revitalizadas, assegurando sua continuidade no seio do Maracatu, uma manifestação cultural que resiste e prospera em meio às transformações do mundo moderno.

.

3.1 Introdução ao Catimbó-Jurema

No âmbito das religiões afro-brasileiras no Nordeste brasileiro, destaca-se o Catimbó – prática de raízes profundas na ancestralidade indígena e entrelaçada com os fios do cristianismo e com tradições religiosas africanas, dependendo da região. Essa tradição se sustenta no culto sagrado da Jurema, cujas raízes mergulham no terreno fértil de uma cultura rica e diversa. A história do Catimbó é muitas vezes contada sob um viés que omite suas origens indígenas e africanas, subestimadas por preconceitos arraigados. No entanto, as reuniões de Catimbó reverberam com a força dessas influências, reafirmando sua identidade híbrida. A prática revela uma visão centralizada na Imagem dos Mestres, embora os Caboclos também tenham seu lugar de destaque. As entidades espirituais do Catimbó são vistas não pela suposta hierarquia ou energia, mas sim pela sabedoria que carregame pela proximidade com as experiências terrenas.

Caracterizado por encontros festivos e rodas cheias de vida, o Catimbó também reflete a ausência de uniformidade doutrinária, com práticas variando segundo a liderança e os princípios de cada grupo. Elemento central na prática são as ervas, especialmente a Jurema, consideradas mais do que fundamentos; são a essência viva do culto, diferentemente do papel que desempenham no Candomblé, onde são importantes, mas não o centro. Essas práticas e crenças entrelaçadas compõem o Catimbó, refletindo uma abordagem religiosa que celebra a vida e

honra o divino, demonstrando a multiplicidade e a riqueza espiritual que caracterizam o Brasil. Podemos tomar como exemplo o conceito defendido por Câmara Cascudo.

> O Catimbó, no Nordeste do Brasil, permanece inalterado na confiança popular, espalhando receitas vegetais, fazendo “despachos”, tecendo amor, provocando a morte. Macumbas e Candomblés sonoros de danças, músicas, festas de iniciação atraindo povo e ampliando prestígio, levando suas melodias e ritmos aos microfones, seus babalorixás dando conversa nos jornais, com fotografias nas revistas e livros, não fazem recuar o velho Catimbó clandestino, humilde, obstinado na sua existência secular. O “mestre” do Catimbó é uma constante etnográfica de surpreendente poderio psicológico. [...]O Catimbó vai vivendo, apesar de tudo, com a segurança de uma predileção popular irresistível. [...] Ó Catimbó reúne reconhecíveis na sua união como veios num mesmo bloco de mármore, as participações de bancos, negros, ameríndios. A bruxaria dos Gregos e de Romanos revive processos perpétuos de encantamento disfarçados em rezas católicas usadas pelo português de casa armoriada e pelo preto fiel a Xangô. [...] Ó Catimbó é bruxaria sem recorrer ao diabolismo medieval. É a parte não-oficial, não-ritualística das religiões negras, americanas e europeias. Está condenado pelos concílios da Igreja Católica, pelas instruções de todas as polícias. [...] O Catimbó é o melhor, é o mais nítido dos exemplos desses processos de convergência afro-branco-ameríndia. As três águas descem para a vertente comum, reconhecíveis, mas inseparáveis em sua corrida para o Mar. Catimbó, sinônimo de feitiço, de muamba; catimbozeiro, pseudônimo popular do feiticeiro e do bruxo, é titulo de quem mestra a “mesa”, usando a“maraca” fumegante ou isoladamente adente aos clientes [...] (Cascudo, 1978, p. 19-21).

Por sua vez temos Sandro Salles definindo a Jurema como:

> Na tentativa de uma apresentação preliminar do que chamamos de culto da Jurema, podemos defini-lo como um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos. As imagens e símbolos presentes neste complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um ‘Reino Encantado’, os ‘Encantados’ ou as ‘Cidades da Jurema’. (Salles, 2004, p. 101)

A riqueza e complexidade das manifestações culturais afro-indígenas no Brasil são evidenciadas pelas perspectivas de estudiosos como Câmara Cascudo e Sandro Salles. Enquanto Cascudo nos apresenta o Catimbó como um fenômeno arraigado na confiança popular, resistente às pressões externas e enraizado em uma convergência única de tradições afro-branco-ameríndias, Salles lança luz sobre

o culto da Jurema, um complexo semiótico fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, com raízes profundas nos povos indígenas nordestinos. Ambos os conceitos revelam a dinâmica cultural e religiosa do Brasil, onde símbolos, práticas e narrativas são entrelaçados em uma tapeçaria vibrante de tradição e espiritualidade.

3.2 Proteção e Benção nas Práticas do Maracatu

No coração do maracatu nordestino, reverencia-se uma tradição que se estende além do tempo, onde a jurema preta, árvore sagrada dos indígenas, serve como alicerce espiritual. Através de ritos que envolvem defumações e ingestão de bebidas preparadas a partir de seu tronco, os praticantes buscam conexões com esferas superiores, honrando tanto os antepassados quanto os mestres espirituais. Em meio à modernidade e às cicatrizes históricas, a prática mantém sua chama acesa, preservando a identidade cultural contra a maré do esquecimento. Este fenômeno foi capturado nos estudos Heudes Regis e Adriana Guarda (2020), que destaca a importância desses rituais não só no contexto do Carnaval, mas como uma ponte contínua para o divino.

O tecido cultural do Brasil é intrincadamente tecido com os fios de suas tradições ancestrais, entre as quais o Maracatu de Baque Solto e o Catimbó-Jurema se destacam como expressões vibrantes da rica herança cultural da região nordeste. Através de um exame detalhado dos rituais, das narrativas e das dinâmicas sociais que constituem o Maracatu Rural e o Catimbó-Jurema, investigaremos a interação entre a manutenção da memória coletiva e as práticas individuais. Além disso, discutiremos as formas pelas quais o grupo Cambinda Brasileira, com sua profunda conexão com estas tradições, se torna um vetor essencial para a transmissão e vivificação desta herança cultural. Analisar essas práticas não apenas enriquece nosso entendimento do presente, mas também ilumina os caminhos pelos quais a cultura popular pode ser salvaguardada para futuras gerações.

A continuidade das tradições do Maracatu Cambinda Brasileira também é assegurada através de símbolos culturais poderosos, como as calungas - bonecas que servem como protetores espirituais do grupo. As calungas são mais do que simples bonecas; são entidades carregadas de significado espiritual e cultural, tratadas com grande reverência. Elas são preparadas e mantidas pela madrinha espiritual, em um processo que inclui rituais de purificação e proteção, refletindo a

conexão profunda entre o grupo e suas raízes espirituais.

Existe no Maracatu Rural muita simbologia ligada aos orixás e à umbanda, como por exemplo, os trajes das baianas, dama-do-paço e da calunga; sendo essas expressas de maneiras clara e acessível ao público. Tal simbologia fica bastante evidenciada fala de Fernando, ex-integrante do Cambinda Brasileira.

> No maracatu rural de baque solto, e no maracatu de baque virado, tem a tradição do candomblé que simboliza a calunga nomeio do maracatu. Ai todo ano a gente faz um trabalho para aquela calunga, só não posso dizer o que é, e aquela calunga protege o maracatu todo, contra bruxaria de outras pessoas, olho grande, aquela calunga ali está calçada, que é um preparode umbanda e protege todo o maracatu, todos os folgazões. (Fernando, 2020)

Por outro lado existem elementos ligados aos rituais do Catimbó-Jurema que permanecem ocultos aos olhos do espectador durante as performances públicas do Maracatu Rural. Estes rituais que podemos considerar como mais reservados podem incluir práticas como banhos de cheiro, o uso ritualístico da defumação e do fumo e a ingestão de bebidas alcoólicas associadas à jurema, bem como rituais de fechamento de corpo e outras exigências de cunho sexual e alimentar. Além disso, existem certos objetos utilizados pelos folgazões que podem carregar significados específicos no contexto do catimbó, mas estes são frequentemente imperceptíveis para os observadores externos durante toda a brincadeira.

Durante as divresas imersões nos Ensaios do Cambinda Brasileira em 2020, uma tradição cultural rica e enraizada na região, foi possivel testemunhar uma série de práticas distintas que ecoam os valores da comunidade local. Uma observação notável foi o papel das bebidas oferecidas durante as apresentações, particularmente a jurema e a cachaça com pólvora. Estas não são simplesmente bebidas para saciar a sede, mas sim elementos simbólicos carregados de significado, especialmente para os caboclos de lança que as consideram como uma fonte de coragem e força espiritual. Eessas bebidas não só serve para fortalecer os laços sociais entre os participantes, mas também atuam como uma expressão viva da identidade cultural e da herança histórica da região. Ao observar o ensaio e consumo dessas bebidas, fica nítido que elas desempenham um papel crucial na celebração das tradições locais e na preservação do Catimbó-Jurema na memória coletiva da comunidade. Mais do que simplesmente elementos de festa, elas representam um elo tangível com o passado e um veículo para transmitir valores culturais de uma geração para outra.

No contexto do Ensaio do Cambinda Brasileira, essas práticas relacionadas às bebidas oferecem uma visão fascinante da interseção entre a tradição e a contemporaneidade, destacando a resiliência cultural e a adaptação dinâmica das comunidades locais ao longo do tempo. Vale ressaltar que, embora as bebidas sejam oferecidas, a decisão de consumi-las é deixada inteiramente aos participantes, sendo uma escolha pessoal e voluntária.

Complexidade e a profundidade das tradições culturais presentes no maracatu, mostrando como diferentes elementos simbólicos são cuidadosamente integrados e manifestados de maneiras diversas, tanto publicamente quanto em esferas mais reservadas, com isso, somos convidados a apreciar não apenas a beleza e a energia das apresentações do Maracatu Rural, mas também a profundidade espiritual e cultural que permeia essa tradição ancestral.

Durante uma das minhas visitas de campo à sede do Cambinda Brasileira, fui intrigado pela presença de símbolos específicos que adornavam discretamente o ambiente. Entre eles, destaca-se um objeto particular: um chifre de boi contendo um pinhão roxo (Jatropha Gossypiifolia). Embora seu significado pudesse passar despercebido para o observador desatento, minha abordagem científica não me permitiu ignorar sua importância. Ao questionar sobre a função desse artefato, fui esclarecido de que ele desempenha um papel crucial na descarga de energias negativas e na proteção contra o mau-olhado direcionado ao Cambinda Brasileira. Essa prática revela não apenas uma conexão profunda com as tradições de proteção espiritual e a magia popular, mas também a preservação das crenças e rituais que permeiam a identidade cultural do grupo com o Catimbó-Jurema.

Nas profundezas da noite, na tranquila sede de apoio do Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata, um evento extraordinário marcou o ensaio para o Carnaval de 2020. Envolvidos pela escuridão da madrugada, sob o som do terno ressoavam com uma intensidade misteriosa, ecoando pelas paredes enquanto a multidão se entregava ao ritmo. Foi nesse cenário enigmático que algo fora do comum começou a se desenrolar: uma mudança sutil, mas tangível, se fez presente. Um dos participantes, imerso na batida do terno, e sob efeito da bebida Jurema pareciam transitar entre o mundo material e espiritual. E então, em meio à penumbra, um dos integrantes foi envolvido por uma força que escapava à compreensão humana. Seu corpo, como se guiado por uma presença invisível,

começou a mover-se de forma desconhecida, seus passos adquirindo uma cadência única e sagrada. Era como se os antigos espíritos da tradição afro-brasileira tivessem descido para dançar entre eles. Essa experiência transcendeu a mera prática de dança; foi uma manifestação da espiritualidade e da conexão profunda com as raízes culturais. Sob a luz trêmula das estrelas, o Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata testemunhou a união entre oterreno e o divino, entre o passado e o presente, em uma celebração que ecoou alémdas fronteiras do tempo e do espaço.

Durante a andada festiva do Carnaval de 2024, uma observação intrigante chamou minha atenção em relação à água do Mestre do maracatu. Ao examinar a garrafa, notei a presença de um galho de arruda, “amuleto tradicional contra o mau-olhado”, conforme descrito por Câmara Cascudo (1978, p.95). Essa prática revela uma conexão profunda com as tradições do Catimbó-Jurema. Além disso, percebi que havia uma regra não escrita entre os membros do grupo: ninguém poderia tocar na garrafa de água, pois isso poderia quebrar o encantamento e comprometer sua eficácia protetora. Essa observação ressalta não apenas a importância da espiritualidade e da proteção contra energias negativas dentro da prática do maracatu, mas também a continuidade das tradições ancestrais que permeiam o Carnaval contemporâneo.

É importante notar também o meticuloso trabalho de calço realizado nos caboclos de lança, uma prática individualizada e íntima que se desdobra sob a tutela espiritual da madrinha do Maracatu, ou até mesmo pai ou mãe de santos de sua confiança. Cada caboclo se submete a seus próprios rituais preparatórios, estabelecendo uma conexão única e pessoal com sua madrinha espiritual. No entanto, apesar das nuances individuais, um elemento comum une todos aqueles que cumprem suas obrigações: o calço minucioso realizado nos cravos, simbolizando proteção e resguardo para o caboclo de lança. Essa prática não apenas reflete a devoção e a conexão espiritual dos participantes com suas tradições, mas também destaca a importância da proteção espiritual em meio às celebrações festivas do Maracatu, uma vez que é o caboclo de lança o protetor do Maracatu.

Imagem 12 *Caboclo de lança em apresentação durante o carnaval de 2024.*

Foto do autor.

Após a descrição meticulosa do calço nos caboclos de lança e sua importância espiritual e simbólica, a imagem que acompanha este parágrafo certamente amplifica a profundidade desses rituais. Os gestos cuidadosos e concentrados dos integrantes durante o processo de calço dos cravos reverência o respeito pela tradição ancestral que permeiam cada aspecto do Maracatu. A imagem, portanto, não apenas ilustra visualmente o cuidado meticuloso envolvido nos rituais preparatórios, mas também evoca uma sensação tangível da energia espiritual que sustentam essa prática cultural e religiosa tão significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões que orientaram esta pesquisa — "Qual é a importância do Catimbó-Jurema para o Maracatu Rural?", "Como o Cambinda Brasileira mantém e transmite essas práticas em seu contexto?" e "Quais são os desafios e perspectivas para a preservação do Catimbó-Jurema no Maracatu Rural?" — é evidente que o Catimbó-Jurema desempenha um papel central no contexto do Maracatu Rural, especialmente no Maracatu Cambinda Brasileira.

Com base nas experiências vivenciadas durante os Carnavais de 2020 e 2024, imerso nos ensaios, sambadas e apresentações do Maracatu Rural Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata, este capítulo final busca desvelar os mecanismos de preservação do Catimbó-Jurema dentro desse universo cultural. Aprofundando-se na interação entre tradição e contemporaneidade, o estudo revela como as práticas tradicionais do Catimbó-Jurema são mantidas, adaptadas e revitalizadas no seio do Maracatu, resistindo e prosperando em meio às transformações do mundo moderno. Ao adentrar o mundo do Catimbó-Jurema no contexto do Maracatu Rural, é possível compreender a riqueza e a profundidade dessas tradições ancestrais. A prática do Catimbó mostra-se importante no contexto do universo do Maracatu, enraizada nas tradições indígenas e entrelaçada com influências africanas e cristãs. As reuniões de Catimbó ressoam com a força dessas influências, celebrando uma identidade híbrida que desafia preconceitos arraigados. A preservação dessas práticas não apenas mantém viva a riqueza espiritual e cultural do Brasil, mas também representa uma resistência frente às adversidades históricas e contemporâneas.

Durante a imersão no Maracatu Rural, ficou evidente a importância dos rituais de proteção e benção, que transcendem a simples performance artística para se tornarem verdadeiros momentos de conexão espiritual. A presença da Jurema preta como alicerce espiritual do Maracatu, assim como a reverência aos mestres espirituais e caboclos, demonstra a profundidade da espiritualidade que permeia essa tradição cultural. Os símbolos poderosos, como as calungas, e os rituais reservados do Catimbó-Jurema, que incluem práticas de purificação e proteção, revelam a complexidade e a profundidade das tradições presentes no Maracatu Rural.

Além disso, observou-se o meticuloso cuidado com a preservação das tradições, como o calço realizado nos cravos dos caboclos de lança, que simboliza proteção e resguardo espiritual. Essas práticas não apenas demonstram a devoção e

a conexão espiritual dos participantes, mas também destacam a importância da proteção espiritual em meio às celebrações festivas do Maracatu. A experiência transcendental vivenciada durante os ensaios e apresentações do Maracatu Rural revela a união entre o terreno e o divino, entre o passado e o presente, em uma celebração que ecoa além das fronteiras do tempo e do espaço. Assim, o Maracatu Rural Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata se destaca como um guardião vivo das tradições ancestrais do Catimbó-Jurema, assegurando sua continuidade e relevância no contexto contemporâneo.

À medida que nos despedimos deste estudo, é importante ressaltar a importância de aprofundar o assunto em futuras pesquisas. O Catimbó-Jurema, com toda a sua complexidade e profundidade, merece uma análise mais detalhada, que possa lançar luz sobre aspectos ainda não explorados. A continuidade dessa investigação não apenas enriquecerá nosso entendimento do Maracatu Rural, mas também contribuirá para a preservação e valorização de uma das manifestações culturais mais ricas e vibrantes do Brasil, promovendo o diálogo intercultural e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA. Condepe/ Fidem. **Planos regionais de inclusão social. Programa Governo nos Municípios,** Seplan/Governo do Estado de Pernambuco, Recife, 2006.

AMORIM, M. A.; BENJAMIN, R. ***Carnaval:*** cortejos e improvisos. Recife: FUNDARPE, 2002. p. 109.

AMORIM, Maria Alice. **Maracatu**: baque virado e baque solto. Folha de Pernambuco, Recife, 2011. Disponivel em: < https://issuu.com/folhape/docs/miolo_revis_o_final_1>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2024.

ANDRADE, Mário de. ***Danças Dramáticas do Brasil*****.** Org. Oneyda Alvarenga – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982.

BORBA, A. **Brincantes**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. p. 58-59.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e ciências da Religião:** polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Meleagro**: pesquisa de catimbó e notas da magia Branca no Brasil. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CAVALCANTI, Alexandra de Lima. **O Maracatu de Baque Solto e as políticas públicas de cultura em Pernambuco:** ritual, tradição e burocracia. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 106-129, jul-dez 2020. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219595>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

COSTA, Pereira, F. A. **Folk-lore pernambucano:** subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife: Primeira Edição autônoma, Arquivo público estadual, 1974.

FREIRE, Paulo Airton Maia. **DA FESTA DA CHEGADA AO CARNAVAL ITINERANTE:** uma abordagem fotoetnográfica sobre o Maracatu de Baque Solto Cambinda Brasileira. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFS, São Cristóvão, 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Patrimônio cultural do Brasil: pareceres de registro dos bens culturais imateriais. Brasília, 2021. Disponível

em:http://portal.IPHAN.gov.br/uploads/publicacao/patrimonioculturaldobrasilvol2web.pdf. Acesso em: 02 de fevereiro de 2024.

Leonardo Dantas, em *Verso lança-flor*, videodocumentário em longa-metragem, INRC Maracatu Baque Solto.

MEDEIROS, Roseana Borges de. **Maracatu Rural:** luta de classes ou espetáculo?(um estudo das expressões de resistência, luta e passivização das classes subalternas). 2003.

NASCIMENTO, Jean Carlos de Lima. **Nazaré da Mata de Pernambuco:** Aspectos históricos do Maracatu Rural contados pelos mestres. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Eventos) USP, São Paulo, 2017.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo. **Maracatu à paraibana:** uma análise das reinvenções e conexões político-sociais-religiosas a partir do Pé de Elefante. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB, João Pessoa, 2018.

OLIVEIRA, Sofia Araujo de. **Cultura Popular e o Maracatu Rural:** Trilhando o Caminho do Espetáculo. Cultur, ano 5 – n.1, 2011, p. 58-70. Disponível em: https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/269. Acesso em: 09 de abril de 2024.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Delumará,1995.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 20, n.42, p.377-391, jul/dez, 2014. Disponivel em: https://www.academia.edu/118864831/Etnografia_n%C3%A3o_%C3%A9_m%C3%A9todo. Acesso em: 13 de abril de 2024.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2. ed. Recife: Editora Massangana, 1990.

SALLES, Sandro Guimarães. **À sombra da Jurema:** a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. Revista Anthropológicas, ano 8, volume 15(1),2004, p. 99-122. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23612. Acesso em: 11 de abril de 2024.

SAMPAIO, Dilaine Soares. **Catimbó e Jurema:** uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 17, n.30, p.151-194, jul-dez 2016. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/63469. Acesso em: 11 de abril de 2024.

SENA, José Roberto Feitosa de. **Maracatus Rurais de Recife:** Entre a Religiosidade Popular e o Espetáculo. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB, João Pessoa, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. **Festa de caboclo.** Reviva, 2012.

SOUZA, André Luis Nascimento de. **A mística do catimbó-jurema representada na palavra, no tempo e no espaço.** Dissertação (Mestrado em História), UFRN, Natal, 2016.